

Editorial

O apelo da Terra e a aventura cósmica de uma ecologia integral

O século XXI desperta em sobressalto para o estado de calamidade ecológica em que se encontra o planeta terra e para as implicações que tal situação tem na vida das criaturas que o habitam, a curto, médio e longo prazo.

Reforçando a preocupação que os papas do século XX, principalmente João Paulo II e Bento XVI, foram exprimindo ao longo dos seus pontificados, o papa Francisco publica, em 24 de maio de 2015, uma encíclica exclusivamente dedicada a esta problemática, procurando contribuir para que a questão assumira relevância e prioridade nas agendas mundiais. A Encíclica constitui uma referência incontornável em matéria de ecologia e constitui, concretamente, um convite irrecusável às religiões, às culturas e às políticas para que se repensem em si mesmas e na constelação das relações mútuas que entretecem.

Doravante, podemos mesmo referir-nos a um tempo *antes* e a um tempo *depois* da *Laudato Si*.

No que ao Cristianismo diz respeito¹, é verdade que os cristãos, de modo mais notório no âmbito católico, poderiam ter chegado mais cedo à questão ecológica e que a sua entrada tardia na questão foi, a maior parte das vezes, num tom apologético diante das acusações dirigidas à tradição hebraico-cristã, à qual é atribuído, muitas vezes, um papel de relevo no desencadear da grave crise ecológica atual. Tal reconhecimento não impede que se reconheça, também, que a questão ecológica é um *kairós*, um momento favorável, para a nossa Modernidade e para o Cristianismo, para que uma e outro se repensem à luz das problemáticas cruciais da questão ecológica. Nesta perspetiva, o Cristianismo e as religiões em geral precisam de trabalhar no sentido de trazer à luz as possíveis

¹ O argumento que segue faz eco de algumas das ideias que tive ocasião de expressar por ocasião da publicação da Encíclica *Laudato Si*.

e reais “afinidades entre religião e ecologia que possam ser ‘pivots’ de recomposição das relações entre religião e modernidade” (Danièle Hervieu-Léger). Este trabalho deve assentar na convicção fundamentada de que:

– O Cristianismo pode dizer à Modernidade que “há uma forma religiosa de defender a causa ecológica”, oferecendo ele próprio um contributo original e singular.

– O Cristianismo pode ajudar a trazer à luz instâncias que façam autoridade e contribuir para o estabelecimento de um referencial que, no processo de validação, sobreviva ao imperativo da legibilidade antropológica.

– O Cristianismo pode encontrar uma figura ecológica de presença no mundo que lhe permitirá desempenhar um outro papel na aliança dos saberes, no concerto democrático, e na construção de um mundo de paz e justiça para toda a criação. Não se trata, em rigor, de uma ecologia cristã mas, de um modo cristão, um “estilo” cristão de habitar o mundo, uma “arte cristã” de bem viver com todas as criaturas.

Do vasto léxico religioso e teológico, laboriosa e sabiamente forjado ao longo dos milénios, destacam-se os conceitos de *criação, responsabilidade, hospitalidade, aliança, cuidado, promessa, esperança, deserto, limite, morte, ressurreição, conversão, palavra, doçura, diferença, dom, bênção, graça*. A eleger um, como síntese recapituladora de tantos, seria o conceito de *aliança*.

Com efeito, o Cristianismo fala de uma aliança cósmica – em que o cosmos não é mero cenário da realização humana – selada no coração daquele que é o intermediário entre a natureza e Deus, “o ser humano, sacerdote do criado”, na feliz expressão do teólogo ortodoxo Ioannis Zizioulas, metropolitano de Pér-gamo. Aliança que assenta numa cultura do cuidado, da doçura e da mansidão nas relações, na assunção dos limites, na consideração da diferença como joia da criação e na experiência de uma responsabilidade partilhada. A aliança é, neste sentido, sinónimo de hospitalidade vital e o seu motor é a permanente conversão ao outro e à vida nova.

A originalidade do contributo do Cristianismo para fazer face à problemática ecológica contemporânea, passa, certamente, pela recuperação destes conceitos como noções essenciais para pensar a natureza e o ser humano e descobrir, nos próprios limites e nos perigos de morte que vivemos, espaços para reconstruir “a casa comum” e criar *vida boa* para todas as criaturas, neste *universo que nos viu nascer*.

O presente volume da revista *Theologica* inscreve-se na linha do “desasossego” ecológico e epistemológico, da qual a encíclica *Laudato Si* é traço representativo e impulsionador. Reúne, entre outros contributos, os estudos apresentados no quadro da *Semana de Estudos Teológicos*, convocada pela Faculdade de Teologia para pensar a *Ecologia Integral*, com a ajuda da física, da filosofia e da teologia, e que teve lugar de 15-18 de fevereiro de 2016, em Braga.